

«NUNCA AS IRREDUTÍVEIS POSIÇÕES FORAM O MAIS CORRECTO CAMINHO A PROSSEGUIR».

Sequeira Afonso

A Voz de LOULÉ

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO DO MAIOR E MAIS IMPORTANTE CONCELHO DO ALGARVE



Preço Avulso: 6\$00 N.º 804
ANO XXVII 13/11/1980
Tiragem média por número:
2 700 exemplares.

Composição e impressão
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferrel da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
«GRÁFICA LOULETANA»
Telef. 62536 8100 LOULÉ

1943 - 16 DE NOVEMBRO - 1980

O Eng. Duarte Pacheco morreu há 37 anos!

Como o tempo passa! Ainda temos bem presente o choque que sentimos quando foi anunciada a morte desse grande louletano que foi o Eng.º Duarte Pacheco.

16 de Novembro de 1943.

Uma data que os louletanos não podem, nem devem esquecer. Morreu o mais ilustre dos seus filhos e a Nação ficou de luto, porque perdeu um Homem que visio-nava um Portugal maior, virado para um futuro tão distante que Salazar disse de Duarte Pacheco: «Construir para um século, era divisa sua porque, paradoxalmente, uma Nação modesta não pode construir só para 20 anos...».

E pensarmos nós que, hoje, se fazem tantas obras sem ao menos se pensar num futuro pouco distante.

No dia 16 de Novembro completam-se 37 anos sobre a triste data que a morte roubou à Nação um GRANDE HOMEM.

Um homem que viveu sempre em estado de alta tensão intelectual; com uma aptidão prodigiosa para se agitar nos números, dos dados, dos planos, dos incidentes múltiplos que a vida faz surgir a cada momento; de uma actividade ani-



Embora falecido há 37 anos, a figura desse Homem que se chamou Duarte Pacheco continua a ser admirada pelos louletanos que sabem reconhecer o valor daqueles que conseguiram ser grandes para além da morte.

mada por ideias forças metodicamente orientadas para fins deliberadamente escolhidos; (continua na pág. 6)

SOARES CARNEIRO APOSTA NA JUVENTUDE

Em conferência destinada à juventude, realizada em Lisboa, o General Soares Carneiro, candidato à Presidência da República, salientou a importância e o papel da juventude na sociedade portuguesa.

Soares Carneiro aposta ousadamente na juventude, porquan-

to ela é hoje, em Portugal, a faixa etária que mais dúvidas pode ter em relação ao futuro, ganhando especial relevo, se se tiver em conta o total silêncio de Ramalho Eanes, durante o seu mandato, em relação à ju-

(continua na pág. 4)

O BANCO FONSECAS & BURNAY

ESTIMULA O INVESTIMENTO INDUSTRIAL

Em meados do corrente ano, foi criado o Sistema Integrado de Incentivos ao Investimento (SIII), por intermédio do qual

se pretende reorientar as decisões de investimento dos empresários privados nas direcções (continua na pág. 6)

31 anos depois...

Quatro palavras de saudade para António Aleixo

Faz anos que morreu o Poeta António Aleixo. Aqui vão quatro palavras de amizade ao Poeta e ao amigo, sem pretensões apologéticas mas com a sinceridade e a singeleza da verdadeira homenagem, — quatro palavras a dissipar um pouco a neblina subtil que o tempo, inexorável, vai espargindo sobre a memória de um homem que, como poucos, sofreu a doença e a miséria, e, ante o qual não há possibilidade de se avaliar a medida em que a sua sensibilidade de Poeta exacerbou as circunstâncias formidáveis que a falta de saúde e a impossibilidade de angariar sustento para a família lhe acarretou à (continua na pág. 6)

1949 — 16 de Novembro — 1980

Câmara de Loulé promove homenagem a António Aleixo

Assinalando a passagem do 31.º aniversário da morte desse grande poeta popular que foi

no próximo dia 16 de Novembro, uma homenagem de consagração a esse grande vulto da nossa poesia e intimamente ligado a Loulé pelos muitos anos que aqui viveu.

O Cine Teatro Louletano será o cenário de mais uma merecida homenagem, a qual terá o seguinte programa:

1.ª parte — Representação do Auto do Curandeiro de António Aleixo e a Poesia de António Aleixo declamada e cantada. (Com a colaboração dos Jograis de António Aleixo).

2.ª parte — Mesa redonda com poetas populares contemporâneos de António Aleixo, sendo intervenientes o Professor Dr. Joaquim Magalhães, Tossan e Professor Amílcar.



António Aleixo, a Câmara Municipal de Loulé vai promover

Uma carta insultuosa a propósito de

Loulé em pleno desenvolvimento habitacional

Sob este título, publicou o nosso jornal no passado dia 2 de Outubro, uma local em que se afirmava que «já se fez uma escritura de empréstimo de 143 mil contos para a Associação de Moradores 26 de Junho». Passados dias, um dos directores desta Associação, (e sem que tivesse conseguido evitar alguns comentários depreciativos) entregou-nos pessoalmente a carta que abaixo transcrevemos na íntegra para, no final, poder-mos fazer os comentários que merece.

Devemos contudo salientar que esta carta só hoje é publicada por o Dr. José Manuel Bota ter estado ausente do País durante cerca de 20 dias e ser

ele a pessoa mais indicada para nos esclarecer o que se passava com um problema que, só por requintada má fé, pode ser relacionado com o «período eleitoral», conforme nos acusam os autores da carta que a seguir se publica:

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES «26 DE JUNHO»

Loulé, 17 de Outubro de 1980.
Ao Senhor
José Maria da Piedade Barros

Director do Jornal «A Voz de Loulé» — 8100 LOULÉ.

Senhor Director:
Agradecemos que publicasse no v/ jornal, em resposta a uma afirmação contida no artigo publicado na «Voz de Loulé» no dia 2/10/80 sob o título: «Loulé em pleno desenvolvimento habitacional» no qual o articulista de nome desconhecido, talvez para esconder a sua ignorância sobre o assunto afirma: «O Fundo de Fomento de Habitação» (continua na pág. 3)

«ENFIM... A LIBERTAÇÃO»

Como o prometido é devido, aqui estamos novamente a conversar com os nossos estimados leitores e amigos para lhes dar conta da forma como se processou a libertação da D. Águia Real e do D. Bufo Real (mocho) para o ambiente natural.

A operação ocorreu na manhã do passado dia 28 de Outubro, algures na serra algarvia na presença de alunos das Escolas Primárias de S. Luís e Penha (Faro) e Preparatórias

Afonso III de Faro e de Loulé, acompanhados de alguns professores. Também assistiram ao acontecimento, técnicos do «Centro de Estudos de Migração e Protecção das Aves» de Lisboa, que se deslocaram aqui propositadamente para anilharem as «nossas amigas», medelas e dar-lhes o necessário apoio técnico. Igualmente presentes alguns funcionários do Serviço Nacional de Parques e (continua na pág. 3)

RALLY URBIBEL — ALGARVE

(VER PÁGINA 4)

Os conselheiros da Revolução têm sido os interlocutores de um socialismo de conceitos obscuros e tempestuosos. Militares-políticos inoportunos, conselheiros da conveniência comunista, no intuito de ascenderem ao mais alto grau da escala social.

O Conselho da Revolução representa uma farsa e é um tipo de origem cubana. Uma injustiça em que alguns militares fanfarrões apostam como uma violência exercida sobre uma so- (continua na pág. 6)

(continua na pág. 6)

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 27 de Outubro findo, lavrada a fls. 70 do livro de notas para escrituras diversas n.º 2-D, da notária do 2.º Cartório da Secretaria Notarial de Faro, abaixo assinada, Ventura Guerreiro e mulher Maria Nunes de Brito, naturais da freguesia de Santa Bárbara de Nexe, deste concelho, onde residem no sítio do Canal, e José Guerreiro Martins, natural da dita freguesia de Santa Bárbara

de Nexe, e mulher Maria do Rosário, natural da freguesia da Sé, deste concelho, residentes nesta freguesia, no sítio do Areal Gordo, todos casados sob o regime da comunhão geral, justificaram ser donos em comum e partes iguais de um prédio rústico, no sítio da Igreja, freguesia de Almansil, concelho de Loulé, a confrontar do norte e poente com caminho, nascente com José Guerreiro da Ponte e sul com José Pedro, inscrito na respectiva

matriz, em nome de José Coelho Clara, sob o artigo 2842, com o valor matricial de 2260\$00, e a que atribuíram o valor de 50 000\$00; prédio não descrito na Conservatória do Registo Predial de Loulé.

Que o dito prédio foi doado aos justificantes varões, ainda menores, por seu tio José Coelho Clara, solteiro, maior, residente que foi na aludida freguesia de Santa Bárbara de Nexe, em data que não podem precisar do ano de mil novecentos e trinta, desconhecendo o Cartório Notarial onde a aludida escritura de doação foi lavrada, apesar dos esforços dispendidos nesse sentido, tendo pouco tempo depois o doador se ausentado para a Argentina, onde faleceu.

Que desde aquela data, estiveram na posse do aludido prédio, primeiro pelos seus pais até eles justificantes atingirem a maioria e depois por eles justificantes, em nome próprio, sem oposição de quem quer que fosse, sem interrupção e ostensivamente com conhecimento de toda a gente, sendo por isso uma posse pacífica, contínua e pública, pelo que também o adquiriram por usucapião.

Está conforme.
Secretaria Notarial de Faro, aos 4 de Novembro de 1980.

A Notária,
Maria Odília Simão Cavaco e Duarte Chagas

Industriais de hotelaria do Algarve presentes no Congresso de Manilha

A fim de participarem no Congresso de Turismo e Hotelaria recentemente realizado em Manilha, deslocaram-se às Filipinas os industriais de hotelaria do Algarve e nossos prezados amigos srs. Fernando Barata e esposa (das Organizações Fernando Barata, de Albufeira); José Coelho Júnior, João Manuel Correia Soares e José Vitória Neto, do Hotel D. José, de Quarteira.

NOG CAR — Empresa de Montagens Eléctricas de Baixa e Alta Tensão, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

SEGUNDO CARTÓRIO

Notário: — Licenciada Maria Odília Simão Cavaco e Duarte Chagas

CERTIFICO: — para efeitos de publicação que por escritura lavrada em vinte e dois de Agosto do ano corrente, de fls. 103 a fls. 105, do livro C-63, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre João Domingos Nogueira e Maria de Sousa da Ponte Grosso Carrusca, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se regerá nos termos constantes dos artigos seguintes:

ARTIGO PRIMEIRO — A sociedade adopta a denominação de «Nogcar — Empresa de Montagens Eléctricas, de Baixa e Alta Tensão, Limitada», tem a sua sede na Rua João de Deus, número 8-A, na freguesia de São Sebastião, em Loulé, e a sua duração é por tempo indeterminado, iniciando hoje a sua actividade.

ARTIGO SEGUNDO — O objecto da sociedade consiste no fornecimento e montagens eléctricas de baixa e alta tensão ou outro e qualquer

ramos que a sociedade resolveva explorar.

ARTIGO TECEIRO — O capital social integralmente realizado em dinheiro e entrado na Caixa Social é de duzentos mil escudos, dividido em duas quotas iguais, de cem mil escudos, pertencente uma a cada sócio.

ARTIGO QUARTO — Os sócios podem entrar com prestações suplementares de capital se for necessário ao desenvolvimento da sociedade e conforme for deliberado em Assembleia Geral, podendo ainda fazer à mesma sociedade suprimentos de que a mesma venha a carecer.

ARTIGO QUINTO — A gerência da sociedade é confiada a todos os sócios, os quais ficam desde já nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral.

Parágrafo Primeiro — Os actos de mero expediente poderão ser assinados por qualquer dos gerentes. Todavia, em todos os actos e contratos que envolvam responsabilidade para a sociedade esta só ficará validamente obrigada mediante a assinatura de dois gerentes.

Parágrafo Segundo — Os gerentes poderão delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência noutro sócio ou em pessoa estranha à sociedade, mas neste caso apenas com o consentimento dos restantes sócios.

ARTIGO SEXTO — É livre a cessão de quotas entre os sócios. A cessão a estranhos depende do consentimento da sociedade.

ARTIGO SÉTIMO — As Assembleias Gerais, desde que a lei não exija outras formalidades, serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com pelo menos oito dias de antecedência.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, quatro de Setembro de 1980.

O 3.º Ajudante,
(Assinatura ilegível)

PRECISA-SE

VENDEDOR

Com conhecimentos de material electromecânico.

Resposta a este jornal ao n.º 96.

(3-1)

EMPREGADO

Precisa-se de empregado com prática de materiais de construção e com carta de condução.

Nesta redacção se informa.

GIEBELS

PROPIEDADES LDA.

MEDIADORES AUTORIZADOS

■ Especializamos na venda de propriedades entre Faro e Albufeira, para o Mercado Português e Estrangeiro.

■ Se procurar ou tiver uma propriedade à venda, contacte-nos:
Estrada Nacional 125
S. LOURENÇO — ALMANSIL
Telef. (089) 94353

RELOJOARIA FARRAJOTA

JOSÉ MANUEL DIAS FARRAJOTA

ARTIGOS DE PRATA

Agente Oficial dos Relógios

CERTINA — MAYO-SUPER E RUBI
Especializado em consertos de relógios mecânicos e electrónicos

CENTRO COMERCIAL DE QUARTEIRA

Loja n.º 4 — (Rua Vasco da Gama)

Vai a Lisboa?

VISITE E HOSPEDE-SE NO HOTEL LIS 2★★

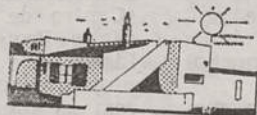
O mais central de Lisboa — Óptimas instalações

Agora todos os quartos com banho ou chuveiro

O melhor preço — O melhor local

Fica mesmo junto ao cinema Tivoli
Ambiente familiar

Situado na Av. da Liberdade, n.º 180
LISBOA — Telefones 563434/5/6/7/8



APARTAMENTOS E TERRENOS

ALUGAM-SE E VENDEM-SE APARTAMENTOS E TERRENOS PARA CONSTRUÇÃO E AGRICULTURA. TRATAR COM CONCEIÇÃO FARRAJOTA, RUA D. AFONSO III - R/C, (JUNTO AO RESTAURANTE «A MINHOTA») — QUARTEIRA, OU PELO TELEFONE 65852 (das 20-22 h.).

Arma-
zém

R. Miguel Bombarda
20 e 22

ALMEIRIM *

SANTARÉM *

VINHO A GARRAFÃO
DA MELHOR QUALIDADE

APR
& Filhos

ENGARRAFADO POR
ÁLVARO PINA RODRIGUES & F.ª, LDA.

Rua Miguel Bombarda, 20 e 22
Telef. 52229
2080 ALMEIRIM

DESCONTOS AOS REVENDEDORES

Uma carta insultuosa a propósito de

LOULÉ EM PLENO DESENVOLVIMENTO HABITACIONAL

(Continuação da pág. 1)
ção fez já uma (Qual?) escritura do empréstimo de 143 mil contos para a construção de 160 fogos da Associação de Moradores «26 de Junho». Por a mesma notícia ser falsa, e deturpada da realidade, e que por tal, pode induzir aos associados ilusões ao andamento do nosso processo com vista à construção do Bairro pelo qual há muito tempo lutamos, julgamos ser necessário o devido esclarecimento ao autor do artigo, e em especial aos sócios da Associação.

Neste momento, ainda não se efectivou qualquer escritura de empréstimo, embora a concessão do financiamento tenha sido aprovada há bastantes meses, e isto por vários condicionamentos:

1.º: Em virtude de os projectos não estarem acabados.

2.º: Depois porque a pessoa indigitada para representar o F. F. H. na escritura do empréstimo, está de férias na altura e mais tarde transmitir para outro colega tal representação e que neste momento aguarda uma credencial para o efeito. Assim que a credencial estiver na posse do F. F. H. em Faro, então sim, julgamos para breve que se efectue tal escritura.

Como estávamos em período eleitoral, compreendemos bastante bem as intenções do autor, que aliás os mesmos processos já foram utilizados por outras pessoas, com a mesma finalidade de «caçarem» votos e mostrarem que fizeram qualquer coisa para resolver a grave crise habitacional com que se debate o concelho de Loulé.

Já agora gostaríamos de saber a quem foi destinado o empréstimo de 13 mil contos para a construção de 160 fogos, que faz referência no mesmo artigo, já que nós desconhecemos a existência de tal verba.

Por fim, aconselhamos que se informe melhor junto dos serviços da Câmara, para não voltar a escrever baboseiras e cair em falsas afirmações e mentiras descaradas, que aliás são bastante próprias do vosso jornal.

Gratos pela atenção dispensada, com os n.ºs melhores cumprimentos, aguardamos a publicação desta carta.

Pel'A Direcção,
??????????

Carlos José da Silva Martins
NOTA DA DIRECÇÃO — O esclarecimento, quando bem intencionado, é sempre bem vindo. Esclarecimento calunioso e mal criado, só tem normalmente um destino: o lixo.

Mas, porque na realidade se noticiou nestas páginas um facto que, por condicionalismos imprevisíveis, não corresponde à verdade, acedemos à publicação do «esclarecimento» da Associação de Moradores 26 de Junho.

O empréstimo feito pelo Governo actual, através do Fundo de Fomento da Habitação, na ordem dos 143 mil contos, para

a construção de 160 fogos, destinados à Associação de Moradores 26 de Junho, foi aprovado há bastantes meses (cerca de sete). A escritura respectiva não foi efectuada, «em virtude de os projectos não estarem acabados», mas pela simples razão de que nem sequer estavam começados. Ao longo de todo este tempo, de Abril até agora, encheu-se o processo que leva à elaboração dos projectos, os quais se prevê estarem praticamente acabados. Nesta perspectiva, acharam, a Câmara Municipal, e a Associação, estarem reunidas as condições para a celebração da escritura, a qual tem estado eminente, só não se tendo realizado, porque entre tanto essa responsabilidade transitou da Direcção de Habitação do Sul de Évora, para o FFH de Faro, e ao responsável por este ser necessária uma credencial para esse efeito, que, por mor das burocracias, levou mais tempo do que se pensava.

Esta a verdade dos factos posta. Admira-nos agora bastante que venha uma Associação de Moradores, querer vir dar lições de jornalismo, e pretender acusar de anonimato uma simples notícia, que, por ser isso mesmo, é um trabalho normal da redacção de um jornal, que a ele unicamente responsabiliza, para além do facto evidente de não ser norma de nenhum jornal andar a colocar o nome de «articulista» por debaixo de cada notícia que publica.

Mais nos admira ainda que a Associação de Moradores esteja tão preocupada com o facto de haver pessoas que fizeram qualquer coisa para resolver a grave crise habitacional do concelho de Loulé, atribuindo-lhes a finalidade de «caçar votos», e não se preocupe com aquelas que não o conseguiram, ou porque não puderam ou não quiseram, como demonstra o facto de só em 1980 ter a Câmara Municipal de Loulé mandado elaborar os projectos, depois de tanto tempo passado sobre a aprovação do Plano Nordeste e a criação da própria Associação, para além do facto de só em 1980 se ter finalmente concedido a verba de 143 mil contos para a construção desse programa de habitação social.

Sobre a falsa ignorância da verba dos 13 mil contos, é por demais evidente que, qualquer pessoa que queira ser honesta, terá que interpretá-la como uma gralha tipográfica mencionada unicamente no título mas perfeitamente clara no texto da notícia, a qual se refere unicamente aos 143 mil contos que o Governo concedeu à Associação 26 de Junho. Com um pouco mais de inteligência, o autor da carta teria percebido isto, a menos que não tivesse querido perder a «magnífica» oportunidade de envenenar um pouco mais a situação...

Qualquer pessoa de bom senso e mediana inteligência per-

cebe perfeitamente que 13 mil contos não chegam para construir 160 fogos, até porque, um pouco mais abaixo, se vê que houve engano de números...

A carta que atrás se publica é pura e simplesmente indigna de pessoas de quem se espera um mínimo de compostura e bom senso, mas que quiseram aproveitar a oportunidade de um pequeno deslize, consequente de uma informação mal interpretada, só para nos insultarem com severidade por não seguirmos uma linha política que baseia todos os seus conceitos na mentira mais descarada e através dos mais invios caminhos.

Para o penúltimo parágrafo da infeliz carta remetemos ao juízo dos nossos leitores, mas não queremos deixar de assinalar que a mesma contém duas assinaturas e que nós pensamos que a primeira será a do autor da missiva. Por isso estranhámos imenso que, quem se abespilha com «articulistas de nome desconhecido» não tivesse tido a coragem de escrever o seu nome com clareza e se tivesse limitado a fazer uns gatafunhos absolutamente ilegíveis. Por isso apenas conseguimos decifrar o nome do segundo subscritor da carta: Carlos José da Silva Martins.

«Enfim a Libertação...»

(Continuação da pág. 1)
Reservas, assim como órgãos locais da imprensa escrita e falada com a finalidade de recolher imagens, entrevistas e sobretudo relatar o acontecimento a que iriam assistir.

A curiosidade dos alunos e porque não dizer dos seus professores e demais assistentes tornou-se evidente à medida que se aproximava o momento do lançamento das aves, após a sua anilhagem que irá permitir obter dados sobre as direcções do voo, os seus lugares de invernada e os locais onde farão ninho. Igualmente fornecerá dados sobre a longevidade das aves, conhecendo-se por exemplo, exemplares de certas espécies de galinhas com 25 e 30 anos. Assim, o anilhador escreve o número da anilha, o nome da espécie, a data, lugar e outras informações de interesse numa ficha própria. No Centro de Estudos de Migração e Protecção das Aves organizam-se todos os dados, a usar posteriormente, quando se recebem referências sobre a recaptura de aves anilhadas.

Finalmente, procedeu-se à libertação das «nossas» rapinas e, se o Mocho Real se embrenhou rapidamente na frondosa

mata a D. Águia Real por se encontrar nervosa, cansada de viagem e diante de tão numeroso público, preferiu deixar-se primeiro fotografar de todos os ângulos e em todas as posições, pondo à prova os dotes dos muitos fotógrafos que iam recolhendo sucessivas imagens sem contudo se aproximarem demasiado da «nossa» Rapina, não fosse ela estragar a festa com alguma investida rápida e certeira.

Só ao cabo de duas horas e já sem a presença de alunos a D. Águia Real resolveu erguer-se para o ar, ensaiou um voo baixo e embrenhou-se na mata, talvez para planear vãos altos e distantes.

Boa viagem e felicidades são os votos sinceros formulados às aves libertadas e ficamos a aguardar que os nossos amiguinhos das Escolas no decorrer das suas aulas e com a colaboração dos seus professores elaborem alguns trabalhos sobre a experiência vivida no passado dia 28 de Outubro, algures na serra algarvia.

Tal pai
Tal filho.

A Ford lança, agora em Portugal, a nova geração de Tractores Ford da série 1000.

Os mini-Tractores Ford foram concebidos para proporcionar uma excelente adaptação aos mais variados tipos de tarefas. Tais como os trabalhos nas vinhas, nos pomares, nas áreas de horticultura, ou nos campos de golf, etc. Com:

- Motor Diesel;
- 12 velocidades;
- Controle de profundidade;
- Tracção às quatro rodas;
- Blocagem de diferencial.

E é um gosto vê-los a trabalhar. Porque, tal como toda a gama de Tractores Ford, os novos modelos da série 1000 possuem uma notável capacidade de trabalho. Tal pai... Tal filho...

AGÊNCIA DOCUMENTÁRIA
«RIBEIRO»

TRATAMOS DE:

- Legalização de automóveis estrangeiros (emigrantes)
- Renovação de cartas de condução
- Averbamentos ou substituições de livretos
- Títulos de propriedade
- Licenças de Circulação
- Declarações
- Requerimentos ou qualquer documentação comercial
- Seguros

Rua Maria Campina (antiga R. da Carreira)
Telefone 63103 — LOULÉ

TRACTORES FORD. UMA EQUIPA DE TRABALHADORES INCANSÁVEIS.
COM MAIS DE 60 ANOS DE EXPERIÊNCIA

FOMENTO INDUSTRIAL
E AGRÍCOLA DO ALGARVE, LDA.
Largo de S. Luís - Telef. 23061/4
8000 FARO



SOARES CARNEIRO APOSTA NA JUVENTUDE

(continuação da pág. 1)
ventude, quer em palavras quer em actos.

É evidente que Soares Carneiro aposta na juventude, não apenas como suporte eleitoral, mas sobretudo na conquista da juventude como «fila da frente» da construção do projecto nacional.

Ficou bem patente na conferência do General Soares Carneiro o à-vontade, interesse e compreensão dos problemas que actualmente afligem os jovens, como que immanado com eles num sentimento quase familiar.

Talvez que a experiência de Soares Carneiro como chefe de família a isso o ajudasse, mas em todo o caso, que contraste tão flagrante com a pesada inépcia de Ramalho Eanes em dialogar, em identificar-se com os seus interlocutores, mesmo quando, como aqui, se tratava de interlocutores que mais dúvidas e ansiedades legítimas podem ter em relação ao futuro. E isso foi bem patente, de igual modo na informalidade com que os jovens se lhe dirigiam, pedindo-lhes por vezes não uma opinião ou um princípio, mas apenas que os esclarecesse como bom conselheiro e mestre estimado.

Dizia o General Soares Carneiro: «A juventude viveu intensamente o período de um grande abalo colectivo. Sabe, pois, que é a dúvida e a descrença. Mas também sabe que não tem medo nem qualquer necessidade de vingança. A juventude portuguesa não tem uma guerra para enfrentar, tem à frente a luta de todo um povo para ser moderno e respeitado entre as nações. E como em todas as batalhas, também nesse lhe caberá a parte mais dura. Passou talvez o tempo das juventudes fáceis que encontram tudo feito. A juventude portuguesa não é uma juventude revoltada. É uma juventude esperançada».

E adiantaria: que, «como can-

didato à Presidência da República olho para o voto da juventude como sendo o puro voto da esperança! Mas considere-o, porém, mais exigente do que todos os outros. Porque nele vejo um apelo determinado a valores normativos e um desejo firme de modernidade. O voto da juventude é crédito que tem de se traduzir em investimento que não seja a fundo perdido. Sinto e participo em alguns dos problemas que, no presente, enfrentais: a ausência de uma política global de juventude em que sejam contemplados a educação e a formação profissional, o primeiro emprego, a habitação e a cultura, o uso dos tempos livres».

Aludindo ao problema do primeiro emprego, acentuou «a necessidade de uma política social activa que não se contenha dos desempregados mas contemple também as exigências do desemprego juvenil, e de igualdade, de oportunidades e da correcção das desigualdades».

Por outro lado, no que toca à habitação, dizia que «é problema complexo, de difícil e demorada resolução para que importa reunir meios, instrumentos e vontades».

E já a terminar, acrescentaria Soares Carneiro: «não vos falei dos fenómenos de desadaptação juvenil no nosso tempo que, por vezes, poderão assumir até uma dimensão e expressão anti-sociais. Isto, porque creio que o inconformismo da nossa juventude ao mesmo tempo que rejeita a monotonia, afirma disponibilidade para vencer os grandes desafios».

É nesta área dos grandes desafios que se deve movimentar o Presidente da República, uma perspectiva jovem, isto é, aberta, global e de longo prazo. Perspectiva aberta porque não se deve limitar a fechar portas, a pôr limites ou regulamentos ou a superintender nos serviços da Presidência. Deve ser uma grande janela aberta sobre

o seu próprio País, por onde ecoam os clamores de todos os portugueses, sem se reduzir a ser um corredor dos jogos de palácio. Deve ter uma perspectiva global, capaz de olhar a toda a volta, do que são os interesses e aspirações do País, procurando valorizar o que é geral, em relação ao que é geral, em relação ao que é sectorial, parcial ou unilateral».

Dr. Luís Augusto Sabbo

Embora com algum atraso, nem por isso queremos deixar de dar a triste notícia do recente falecimento do Dr. Luís Augusto da Silva Sabbo, algarvio muito conhecido e geralmente estimado pela integridade do seu carácter e natural bondade.

No início da sua carreira, foi notário em Alcoutim, Tavira e Olhão, mas viveu praticamente sempre em Faro, onde, durante largos anos, exerceu o cargo de notário do 1.º Cartório da Secretaria Notarial e de cujas funções há anos se aposentara.

Nascido em Tavira e contando 71 anos, o saudoso extinto era filho dos falecidos Dr. João de Mello e Sabbo, que foi notário em Loulé, e D. Augusta Xavier da Silva e Sabbo, ambos naturais da mesma cidade, e pertencia a distintas famílias algarvias. Frequentou o Liceu de Faro, licenciou-se em Direito na Universidade de Lisboa. Exerceu vários cargos públicos, tendo sido vice-presidente da Câmara Municipal de Faro, de 1950 a 1957; Delegado da Direcção-Geral dos Desportos, etc..

Deixa viúva a sr.ª D. Fernanda de Brito Santos e Sabbo, ajudante da Secretaria Notarial de Faro, e era pai da sr.ª Dr.ª D. Maria Luisa de Bivar Weinholdt e Sabbo, professora de Ensino Secundário no Colégio do Ramalhão, em Sintra, e dos srs. Eng. João Henrique de Bivar de Mello e Sabbo, casado com a sr.ª Dr.ª D. Maria Cândida Coutinho do Nascimento e Sabbo, Luis Fernando de Brito Mello e Sabbo, estudante universitário, e Manuel José de Brito Mello e Sabbo, estudante de Ensino Liceal.

A família enlutada endereçamos as nossas sentidas condolências.

Aos emigrantes VENDE-SE

Excelente vivenda-habitação. Boa para alugar de turismo no Verão, sita em Algarve-Sol (Quarteira), a 600 metros mar. Magnífica vista panorâmica para Albufeira, Vilamoura, Loulé.

Tem 4 quartos, 5 casas de banho, 2 hall, despensa, cozinha, sala comum c/ lareira, garagem, pátios, terraço, jardim, ar condicionado. Mobilada e decorada. Mais de 305 m2 de área coberta e 695 m2 de área descoberta.

— Pequena courela, sita perto de Boliqueime, amendoieiras, figueiras, alfarrobeiras e oliveiras. Preços justos. Trata António Chagas (advogado) — Castro Verde, Telef. 073/22187/22121 ou 089/65554 — QUARTEIRA.

(2-1)

FAÇA PUBLICIDADE EM
«A VOZ DE LOULÉ»

RALLY URBIBEL — ALGARVE

Terminada a edição de 1980 do Rallye Urbibel - Algarve vimos dar aos nossos leitores uma rápida resenha do que aconteceu durante três longos dias. Assim, devemos dizer que o «show» chamado «Rallye» foi bastante bom.

Tivemos oportunidade de ver todos os concorrentes e de um bom lote deles, gostosamente damos a nossa opinião. No entanto e antes de entrarmos nessa descrição, devemos informar que se estreou neste Rallye uma nova máquina — o Audi Quatro — que, conduzido magistralmente por Hanno Mikolla, deu espectáculo em todas as classificativas, mostrando-se um carro de uma segurança endiabrada.

Basta dizer-vos que nunca vimos um carro tão seguro como este. No entanto, andar por estradas destas e nunca ver o carro andar de lado, até parece mentira. Mas é verdade!!

Quanto aos concorrentes inscritos, vimos um sr. chamado Beguin que enquanto o seu Porsche trabalhava, deu lição de bem conduzir. O espanhol Zanini, actual campeão da Europa — título definitivamente obtido no Algarve — pareceu-nos também um grande dos Rallyes, se bem que o carro que conduzia não lhe permitisse aproximar-se mais do seu opositor.

Entre os portugueses há que realçar os nomes de Santinho Mendes que aqui ganhou também o título de campeão nacional, de Mário Silva que não ganhou o título por força do despiste que sofreu no Arade, do Miquelê e do Carlos Torres que, tendo-se visto relegados para lugares secundários na 1.ª etapa, por força dos azares dos Rallyes, conseguiram com o seu desportivismo e espírito de luta chegar a posições mais notórias.

Dos nossos provincianos, há que realçar os nomes de Carlos Fontainhas, que ia em 5.º lugar quando desistiu por ter partido um semi-eixo; de Inverno Amaral que, animou bastante esta edição do Rallye e que se encontrava também na 5.ª posição quando, sofreu um despiste que o forçou a abandonar; da Orlando Reis que, mercê da sua cautelosa mas sempre rápida condução, ganhou mercedamente o 8.º lugar no fim do Rallye.

De notar ainda a presença simpática da equipa Carlos Simões — J. Cirne que conseguiu chegar ao fim do Rallye com um Dyane 6, carro que habitualmente se não vê em competições deste género.

CLASSIFICAÇÃO FINAL

- 1.º — Antonio Zanini - Miguel Oliveira — Escort RS.
- 2.º — Santinho Mendes - F. Lopes — Datsun 1602.
- 3.º — Mário Silva - Pedro Almeida — Escort RS.
- 4.º — F. Romãozinho - Luiz Alegria — Citroen Visa.
- 5.º — Holger Helle - Ole Hansen — Opel Ascona.
- 6.º — Werner Schweizer - T. Dartsch — Opel Kadett GTE.
- 7.º — Jorge Parente - A. Lavrador — Escort RS.
- 8.º — Orlando Reis - José Conde — Escort RS.

LIGADORES

— todos os sistemas —

CASA CHAVES CAMINHA
Av. Rio de Janeiro, 19-B
LISBOA — Telef. 885163

Cabeleireira ou ajudante

Com prática precisa-se para Salão Via-Paris, Rua Projectada à Rua Vasco da Gama — QUARTEIRA.

(3-3)

9.º — Fernando Simões - A. Campos — Kadett GTE.
10.º — Rui Lages - Abel Santos — Vauxall Chevette.

AZEVEDO

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ

Sec. Aux.
Ac. Ord. n.º 46/80

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

FAZ-SE saber que na Acção Ordinária n.º 46/80 a correr termos na Secção Auxiliar deste Tribunal Judicial de LOULÉ, proposta pelos Autores Margarida Maria da Franca de Horta Machado Guedes Leitão Cruz e marido e OUTROS, com residência em Lisboa, são por este meio CITADOS os interessados INCERTOS para contestarem, querendo, apresentando a sua defesa no prazo de 20 dias, que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contada da data da segunda e última publicação do presente anúncio.

O pedido dos Autores é o de serem reconhecidos e declarados os Autores como proprietários dos prédios seguintes: 1 — «Pomar de Baixo e Pomar de Cima», ou «Morgado de Alte», constituído por casa de habitação, palheiros e mais dependências, um tanque, aquedutos e 5 moinhos de moer trigo, árvores de fruto e terras de regadio, no lugar do Pomar, freguesia de Alte, concelho de Loulé, com 1 131 250 m2, inscrito na matriz rústica sob o artigo 7603 e na matriz urbana sob os artigos 338, 339, 340, 341, 343 e 2 688, descrito na Conservatória do Registo Predial de Loulé sob o n.º 542, a fls. 198 v.º do Livro B-3 e aí inscrito sob o n.º 1 a fls. 199 do mesmo livro B-3; 2 — Prédio rústico de barrocal, com árvores, no sítio do Lavaginho inscrito na matriz respectiva sob o artigo 7795; 3 — Prédio urbano de casas de habitação e 2 dependências, sitas na Rua do Cabo, em Alte, inscrita na matriz urbana sob o artigo 283; 4 — Prédio urbano composto por morada de casas térreas, com 7 compartimentos e logradouro, na Rua do Hospício, povo de Alte; 5 — Prédio urbano composto de um armazém e logradouro, na Rua do Cabo, em Alte, inscrito na matriz urbana sob o artigo 275; 6 — Prédio urbano composto de um armazém com 2 dependências, na Rua do Cabo, no povo de Alte, inscrito na matriz sob o artigo 276. Todos os prédios situam-se na freguesia de Alte, concelho de Loulé. Loulé, 23 de Outubro de 1980.

O Juiz de Direito,
a) Mário Meira Torres Veiga
O Escrivão de Direito,
a) Américo Guerreiro Correia

A BICA

Crónica de LUÍS PEREIRA

Tornou-se um hábito. O cafezinho como o santo dos grandes silêncios. A Revolução foi aumentado o seu preço.

Pode a bica ser um mau costume. Mas o que não é nesta vida terrena? A Revolução não respeita a vida espiritual e social de cada um. O café é a bebida mais afreguezada. Todo o mundo gosta de levar a chá-



vena à boca. Até mesmo a Sagrada Família da Revolução. Lá, naquela terra de cheiro a café, outras gentes colonizam as grandes fazendas. Nesses mares onde fizemos história.

O café, quem o tomar de pé, paga-o mais barato. Sentado, lá fora na esplanada, a bica fina é mais cara.

Uma simples chávena que não pára de servir café. Para gente de todas as camadas.

A Revolução entregou as grandes fazendas de café, gratuitamente, em troca de paleio comunista, da Cartilha azeda do socialismo marxista.

A verdade é que os revolucionários são os que bebem mais café. Porque levam os dias como Diário em cima da mesa de café, propagandeando a exemplar descolonização e saboreando a gostosa água negra.

Ainda me lembro da grande caneca de café forte onde o ti-fialho molhava as filhós. No tempo em que o café era barato...

Homenagem a António Aleixo

Já depois de impressa a 1.ª página do nosso jornal onde se noticia a homenagem a António Aleixo indicada para o próximo dia 16, fomos informados de que a mesma terá lugar um dia antes ou seja, no dia 15.

TÉNIS

AMERICANOS JOGAM GOLFE NO ALGARVE

Como primeiro resultado da recente viagem de promoção efectuada por Manuel Henriques da Silva e António Barnabé, directores, respectivamente, realizou-se em Vilamoura, na passada semana o «I World Invitation Pro-Am», do Algarve, organizado por Dick Farley, figura proeminente do golfe norte-americano.

Participaram mais de três dezenas de golfistas, profissionais e amadores, que durante uma semana estiveram instalados no Hotel Dom Pedro — Vilamoura. As competições decorreram nos excelentes «greens» do Dom Pedro e da Quinta do Lago.

No decurso do cocktail-party de distribuição dos prémios foi referido pelos participantes a alta qualidade do serviço oferecido pelo Hotel Dom Pedro e as potencialidades turísticas da região.

Ficou assente a realização do «II World Invitation Pro-Am» em Novembro de 1981, perspectivando-se uma ampla participação.

Irregularidades em Vale de Lobo

desmascaradas pelo «Correio da Manhã»

Mais um escândalo financeiro (?). O Ministro do Comércio e Turismo, Banco de Portugal e autoridades policiais investigam em Vale de Lobo, ilegalidades praticadas pela Administração da Empresa Vale de Lobo, Lda., irregularidades essas que poderão lesar gravemente o Turismo Nacional.

O colapso de Vale de Lobo será inevitável (?) — Sander Van Gelder — o mito quebrado.

As dívidas bancárias e os cheques sem cobertura, as empresas fantoches, as ilegalidades das transações comerciais, irão constituir, certamente, um escândalo internacional, pois as organizações de Sander Van Gelder, caso os relatórios judiciais o comprovem, são organizações «piratas» num dos maiores empreendimentos turísticos do Algarve.

Os grandes operadores turísticos deixaram de acreditar na empresa Vale de Lobo, Lda.. Os serviços públicos, que permitiram a atribuição de «aldeamento de luxo» a Vale de Lobo, estão

em descrédito. Os preços especulativos dos terrenos e das moradias têm beneficiado directamente a Empresa, cuja administração tem trabalho em manobras diversas, envolvendo escândalos e despedindo trabalhadores que não se submeteram aos ideais autoritários e ilegais do senhor Sander Van Gelder.

A falência da Empresa é previsível. Neste País, os escândalos financeiros e os roubos, sucedem-se com frequência.

Segundo o próprio advogado da Empresa, dr. Luís Galvão, as irregularidades cometidas são do conhecimento do Banco de Portugal.

O Turismo Nacional será afectado de sobremaneira. Sander Van Gelder pretendia monopolizar através das arbitrariedades o turismo algarvio?

Toda a publicidade de Vale de Lobo escondia as abusivas ilegalidades da Empresa. Os Proprietários de Vale de Lobo, em Assembleia Geral Extraordinária, tinham decidido já cortar relações com a Empresa, entregando as

suas casas para alugar a outras organizações.

Muitos dos proprietários recusam-se a pagar os serviços públicos em Vale de Lobo. Mas quem é Sander Van Gelder para elaborar «listas negras»? Vale de Lobo não precisa de imperador...

A Voz de Loulé, n.º 804, 13-11-80

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE LOULÉ

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

Por este Juízo, na acção sumária n.º 64/79, da 2.ª Secção, movida por Manuel João Guerreiro, viúvo, Clareanes, S. Clemente, Loulé, contra Maria da Conceição Farias, ausente em parte incerta de França, que residia no Cerro da Corte, Querença, Loulé, e outra, correm éditos de 30 dias, a contar da 2.ª publicação deste anúncio, citando da referida ré para, no prazo de 10 dias, que começa a correr depois de findo o do éditos, contestar a dita acção, sob cominação de vir a ser condenada no pedido que consiste em ser o autor declarado único dono e possuidor legítimo da casa sita em Ladeira, Querença, conforme consta do duplicado da petição inicial que será entregue quando solicitado.

Loulé, 6 de Outubro de 1980.

O Juiz de Direito,
Mário Meira Torres Veiga
O Escrivão de Direito,
João-Maria Martins da Silva

PEREIRAS — ALMANSIL



MARIA INÁCIA VALÉRIO

AGRADECIMENTO

Seus filhos e restante família, vêm por este meio testemunhar o seu reconhecimento a todas as pessoas que compartilharam na sua grande dor, e se dignaram acompanhar à sua última morada a sua saudosa e chorada extinta, não o fazendo pessoalmente como era seu desejo por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas.

Funerária Barreto — Almansil



O Artesanato Regional com valor algarvio

O artesanato regional é um trabalho vivo que o Algarve pode explorar turisticamente. A mão algarvia é quase uma excepção em termos de habilidade e de ritmo. Embora com uma clientela ainda em pequeno número, o artesanato constitui uma indústria importante e com grandes possibilidades de triunfo nos mercados e nas exposições internacionais.

A beleza forte, a arte e o desenho bem talhado, decoram objectos de alto valor comercial, trabalhos experimentados com o dote das mãos e o orgulho da

alma. O artesanato tipicamente regional existe espalhado por todo o Algarve e pode constituir uma fonte de riqueza bem protegida.

Da olaria ao esparto, passando pela pintura, as obras extasiavam os olhos dos visitantes, causando admiração e cor. As mãos laboriosas algarvias são o sintoma que a arte regional está viva, que os artistas e os poetas permanecem, que o nosso prestígio se mantém.

Vamos, pois, aproveitar os baques do nosso coração...

Luís Pereira

Moda Internacional no Hotel Balaia em Albufeira

O Algarve é uma região privilegiada para a realização de seminários, onde os participantes podem aproveitar os aspectos turísticos da região, praticando toda a espécie de desportos e recreio, passando e visitando os lugares mais recônditos da nossa bela província.

A moda internacional, através da Wella Portugal, esteve presente no Hotel Balaia em Albufeira.

A Wella Internacional, com cem anos de actividade no mercado cabeleireiro, está basicamente virada para a gestão de empresas e questões de marketing, perspectivas de gestão de pessoal e de recursos humanos.

O seminário decorreu com interesse e desejo de conhecimento. Foram apresentados problemas relacionados com a organização e gestão de empresas, pareceres sobre a importância do marketing, motivação do pessoal.

Foram demonstrados varia-

dosíssimos penteados por mais de duas centenas de cabeleireiros, entre os quais sessenta cabeleireiros alemães. De facto o serviço de cabeleireiro é um serviço artístico, mas contribui também para o bem-estar da mulher dos nossos dias.

Durante a passagem e demonstração dos modelos 80/81, autêntico festival de penteado e de beleza, as graciosas algarvias contribuíram decisivamente para o êxito da organização.

O convívio foi factor predominante e bastante positivo. Entre os cabeleireiros internacionais e portugueses, a troca de informações, a aprendizagem de novas técnicas, contribuíram para a melhoria da formação profissional de cada um.

Seguiu-se uma noite de fados naquele estabelecimento hoteleiro e os principais responsáveis pela Wella Internacional ficaram encantados com o Algarve, possivelmente esperanças na realização de novos seminários.

O TRADICIONAL JOGO DE MALHAS

— Campeonato Regional em Benfarras (Boliquireime)

Benfarras... Domínio da freguesia de Boliquireime, situado junto à E. N. 125 (conhecida pela «recta da Maritenda»), dista 22 km da capital algarvia e um salto (6) do grande centro turístico de Vilamoura.

Bastante valorizada pelos seus habitantes, na sua maioria emigrantes é uma zona essencialmente agrícola, onde predominam os citrinos.

Não obstante a sua privilegiada situação geográfica, fazem-se ainda sentir a falta de estruturas básicas e desenvolvimentistas.

Apesar de já se encontrarem instalados os pontos para a luz eléctrica, o seu funcionamento tem sido adiado.

Alguns habitantes, sobretudo, donos de casas comerciais, muniram-se de geradores para tal efeito.

O seu principal problema é a falta de uma nova Escola Primária, pois a existente funciona num edifício particular alu-

gado.

Além destes problemas, Benfarras necessita dos serviços de saneamento básico, dado o aumento gradual da população.

Zona tradicionalista em alguns aspectos, sobretudo, os relacionados com os jogos e a bruxaria. Nas tabernas o jogo de cartas é frequente nos longos serões.

O jogo de malhas é um dos jogos mais antigos. Vai realizar-se um campeonato disputado por nove equipas de três jogadores cada, dos concelhos de Faro e Loulé. O Campeonato começará brevemente e durará cerca de seis semanas, com a distribuição de alguns prémios aos vencedores, entre os quais uma malha nova, taça do Banco Espírito Santo, etc.

Os Benfarrenses são adeptos do convívio salutar e da harmonia entre os homens.

Oxalá as Aurtarquias Locais não esqueçam os problemas mais prementes desta região.

Novos assinantes são novos estímulos para o nosso trabalho na defesa da nossa terra

Cada novo assinante é como que um novo amigo que se coloca do nosso lado da trincheira para defendermos os interesses do nosso País em geral e da nossa terra em particular. É algo que nos reconforta dum trabalho constante para que em cada semana os assinantes recebam «A Voz de Loulé» em suas casas e para proporcionar aos nossos emigrantes a possibilidade de receberem um bocadinho da sua terra, que fala de problemas que conhecem, que lhes dá notícias de amigos com quem conviveram numa meninice descurada e numa alegre adolescência.

Ultimamente, com alguns atrasos que foram inevitáveis durante o período normal de férias, tem havido falhas numa relativa pontualidade que já se tornara habitual, mas supomos que os serviços gráficos onde é composto e impresso o nosso jornal vão retomar o ritmo usual e que «A Voz de Loulé» vai voltar a aparecer na casa dos nossos assinantes com a regularidade semanal que desejamos.

Resta-nos ainda dirigir um agradecimento aos louletanos espalhados pelo Mundo e que se continuam não apenas a dirigir-nos cartas extremamente amáveis e estimulantes para o nosso trabalho como ainda revelam um certo carinho por este jornal ao interessarem-se junto dos seus amigos em terras distantes, para que cada louletano seja um assinante do jornal da sua terra, contribuindo assim para uma mais larga divulgação daquilo que aqui se passa e dos problemas que precisamos resolver a bem da comunidade.

E como prova evidente de que «A Voz de Loulé» vê aumentada a simpatia dos seus leitores e continua a ser acolhida com interesse crescente, aqui está bem patente o facto de hoje poderemos divulgar mais uma longa

lista de novos assinantes e aos quais, muito naturalmente, nos cumpre testemunhar os nossos mais sinceros agradecimentos.

São eles os Ex.ºs Senhores: Manuel Francisco Gonçalves Guerreiro, residente no Brasil; Amadin Gil da Rocha, José Filipe e Jaime de Jesus Francisco, Quarteira; Alexandre Bento Carrilho, José Duarte e António Amorim de Oliveira Gaia, Loulé; Carlos Costa, Alemanha; Unifed. Lda., Almansil; António Romão Cardoso, U. S. A.; António Rodrigues Gonçalves, Holanda; Augusto Duarte, e D. Rita Rocha Guerreiro, Venezuela; Manuel Mogo Mealha, Henrique Manuel Martins Rafael, Natalino António Madeira, D. Cristina Dionísio da Conceição, Gérard Guerin Sousa, Jaime Santos Pereira e Manuel da Palma Guerreiro, França; Manuel Francisco Joaquim, Baixa da Banheira; D. Odete de Sousa e Manuel Viegas de Sousa, Canadá; Aníbal do Carmo Pinto, Salir; Grafopel, Porto; Helder Cavaco Tavares, S. João do Estoril; Manuel Carusca, Austrália; Restaurante «A Chama», Albufeira; Construções António Guerreiro, Lda., Quezuz; Francisco José Cortez Ferreira, José Costa da Silva Belo, e D. Maria Juvenália T. Loureiro Viegas, Loulé; Mário Correia, Joaquim Leal da Silva e José Pestana, U. S. A.; Manuel Viegas Silva Coelho, Alemanha; Mecanex, Lda., Faro; D. Rosa Sousa Luís, Coelho José, Mestre Sebastião, Martins Leonardo e Gonçalves José, França; Orlando Cabrita, Portimão; A. L. de Sousa, África do Sul; Imoinvest, Quarteira; José Manuel Ferreira Augusto, José Dias Grosso, Custódio José Rodrigues e Romeu Manuel F. Caxinha, de Loulé; José Pereira Cavaco, Austrália; José Manuel G. da Palma, Alemanha; Galeria de Arte Velasquez, Poço de Boliqueime; Humberto Guia, Austrália e José Manuel Cavaco Francisco, Salir.

O Banco Fonsecas & Burnay

Estimula o investimento industrial

(Continuação da pág. 1) mais consonantes com a estratégia de desenvolvimento perfilhada pelo Governo.

Com este instrumento de política económica deseja-se pois, em linhas muito gerais, tornar atractiva a realização de projectos em sectores pré-seleccionados, mediante a melhoria da rentabilidade empresarial que os incentivos fiscais e financeiros facultam, atenta a redução do custo de capital que provocam.

A partir daqui, tornou-se evidente que seria missão das instituições bancárias promover Colóquios e outras reuniões com entidades privadas e fazer larga divulgação dum novo e alician-te sistema de crédito que possa contribuir para dar novo alento à nossa débil economia e proporcionar condições para estimular os homens capazes de arrancar com empreendimentos que lancem este País no caminho duma prosperidade que todos devemos desejar, para que o desenvolvimento económico dos portugueses seja cada vez menos acentuado e portanto com mais elevado grau de felicidade.

E isso só será possível se se criarem novas empresas que proporcionem mais trabalho e melhores salários para maior número de portugueses. Poderão assim ser assegurados meios de subsistência na sua própria terra e sem necessidade de recorrerem à emigração.

Para que tal aconteça é, portanto, necessário que se mantenha o clima de certo modo optimista actualmente existente em Portugal e que se está traduzindo na disposição ultimamente manifestada por grande maioria de empresários que estão aplicando mais capital que em 1979, o que acentua a esperança num efectivo relançamento do investimento no País.

Este clima de optimismo que ora se vive é um facto comprovado por qualquer de nós que esteja atento ao evoluir da nossa economia e foi plenamente confirmado há dias, no Hotel D. Pedro, pelo Dr. António Pe-

droso, Presidente do Conselho de Gestão do Banco Fonsecas & Burnay, que usou da palavra para traçar uma panorâmica em matéria de investimentos durante os últimos 4 anos. E fê-lo com conhecimento de causa, apontando números, dando exemplos, expondo ideias e explicando aos numerosos convidados ali presentes o que é e para que serve o novo Sistema Integrado de Incentivos ao Investimento (Siii). Disse ainda que «as acções já desencadeadas com vista ao total restabelecimento de um clima de confiança ao investidor privado e as que se seguirão, permitem esperar que a afectação de poupança dos particulares e empresas a investimento, venha a ser de cerca de 79% em 1980 contra 69% no ano anterior».

A Integração Europeia lança desafios adicionais a que é imperioso saber responder e por isso os industriais portugueses e os homens de acção capazes de arrancar com ousados empreendimentos, devem aproveitar as novas condições agora propostas pela Banca, para que, finalmente, se rasguem novos e mais promissores horizontes aos portugueses que confiam ainda na capacidade realizadora dos seus braços e dos seus cérebros. Por isso, o papel do investidor privado é extremamente relevante e, por consequência, verdadeiramente decisivo no relançamento da nossa economia.

O Dr. António Pedroso terminou a sua palestra afirmando:

«As perspectivas encontram-se abertas. Preparar o futuro da economia portuguesa é tarefa que incumbe a todos os agentes económicos, encontrando-se os Senhores Empresários na primeira linha. Estão criadas condições de investimento que urge aproveitar.

Continuamos a confiar que os investidores portugueses, restabelecida a confiança e aberto o caminho, apostem forte no futuro do País, ajudando a atacar o seu problema central — o Desenvolvimento».

Um desenvolvimento para o qual os empresários algarvios se devem preparar, que não seja apenas visando o turismo como base, pois esta é uma indústria que está sujeita a crises cíclicas e pode ser desastroso que a economia do Algarve esteja assente essencialmente no turismo. É por isso urgente criar novas indústrias e estruturas para uma maior amplitude de actividades já existentes e que careçam de crescimento.

Com as novas modalidades de crédito criadas, visa-se em particular estimular o investimento no sector das pescas, das indústrias transformadoras e extractiva e facultar um conjunto de incentivos fiscais em função de prioridade/critério de ordem económica, sectorial e regional.

E para que tudo isso seja facilidade, o Estado já criou gabinetes próprios para estudar problemas que lhes sejam postos pelos empresários para estudo da viabilidade económica de empreendimentos que sejam propostos para financiamento, através de um sistema de crédito que simboliza um novo estímulo ao desenvolvimento.

Durante o período de perguntas e respostas, o Eng.º J. M. Farrajota Cavaco afirmou que «o Banco Fonsecas & Burnay trazia uma mensagem extremamente válida, pois vinha revelar-nos o seu firme propósito de contribuir para o desenvolvimento económico do País».

O Sr. Governador Civil também usou da palavra para agradecer o convite que lhe foi endereçado para estar presente numa reunião que considerava muito válida e formulou votos por que dali resultassem benefícios para a nossa província.

Após a reunião foi servido um beiberete aos convidados, que também serviu de pretexto para uma agradável confraternização entre industriais e dirigentes de empresas.

AOS CONSELHEIROS DA REVOLUÇÃO

(Continuação da pág. 1) cidade que pretende ser democrática.

Irão os conselheiros regressar aos quartéis, dentro de uma justiça de critério? É essa a minha grande incógnita. Porque o Conselho da Revolução tem funcionado como uma esquadra de velhos camaradas, com todo o mel e manteiga de Abril.

A missão destes militares continua a ser tipicamente a implantação comunista, selada pela desgraça política e pela miséria económica.

É um desprestígio para a soberania e introduz no seio da sociedade civil a imagem divisionista das Forças Armadas, favorecendo os ideais terroristas de quantos creem na falsificação histórica.

Caso a AD ganhe as eleições terá força suficiente para encetar uma obra de reconstrução nacional, exigindo a demissão imediata do Conselho da Revolução? Creio que os militares asseguram os seus altos privilégios com a pseudo-Revolução de Abril. Os políticos têm sido incapazes de impedir o envolvimento dos militares na condução política do País. A incerteza

ideológica e a crise do sistema são o reflexo do carácter fortemente militar que tem presidido aos destinos da Nação. Daí eu perguntar aos cidadãos se sabem qual o tipo de sistema político em que assenta a nossa sociedade?

A desalegância e a obscuridade vestem a história de inutilidade e desagrado. O Conselho da Revolução é um órgão medíocre. Esta política é uma tremenda trovada. Este País não tem qualquer designação que não seja a má justiça ou a falta de justiça.

Porque uma Constituição grosseira, como aquela em que políticos e militares estiveram envolvidos, só pode ser um remédio para que o burro morra mais depressa. Eis a razão das fábulas absurdas do Conselho da Revolução e as imposturas dos seus membros, que contestam todas as opiniões difundidas pelo Governo, pois manter a grande revolução é um princípio de autoridade dos conselheiros do ateísmo declarado. E a sociedade civil cala e consente. Porque eles é que têm as armas...

F. A.

Quatro palavras de saudade para ANTÓNIO ALEIXO

(Continuação da pág. 1)

sua casa sem luz, sem conforto e sem um mínimo de condições que lhe permitisse pensar em evitar o contágio dos seus.

Penso agora como o vi entre o receio da última hemoptise e do último tostão e pismo em como lhe era possível ainda a vontade de rimar, — essa vontade que não era mais que um escape da sua alma torturada a destilar o enorme ressentimento pelos homens e pelas instituições que não lhe permitiram outra alternativa a não ser o possível, quase real e infalível contágio dos filhos. Penso agora em como lhe era possível, cinco ou seis dias antes da sua

morte, pedir-me que lhe fosse escrever o resto do «Auto do Ti Joaquim» que ficou incompleto e que ele pensava ditar-me. Penso e pismo e não esquecerei jamais a força que movia ainda como a tentar gritar um último protesto — um último pedido de protecção, nanja que a ele mas para outros que ele sabia que existiam.

...E dispenso-me do mais, — o mais já conhecido das suas obras. Elas valem por si sem necessidade de mais comentários. Elas valem o homem, o Poeta, se bem que pouco nos diga da sua agonia de tantos anos e que tanto tocou esta amizade velha e sempre renovada.

F. L.

Eng. Duarte Pacheco morreu há 37 anos!

(Continuação da pág. 1)

compreensivo, sagaz, sensível, entusiasta, dando-nos o exemplo raro e nobre de uma existência sempre ligada a uma

Vende-se Horta

Na zona das Hortas de Faro, com água e árvores de fruto.

Tratar pelo telef. 62939 — Loulé.

(6-6)

convicção: — Duarte Pacheco passou a sua vida em labor contínuo ao serviço da Pátria.

DUARTE PACHECO — no dizer de Salazar — «desinteressado até à renúncia, rindo com a pobreza ou a modestia dos recursos próprios, resignado ante a incompreensão ou as reticências e indiferente ante a ligeireza com que em geral se apreciava entre nós o homem público, tinha no entanto absoluta confiança no sentimento de gratidão do povo diante de um Estado que deixou de ser uma abstracção ou um estorvo, para tomar decididamente a peito servir o real, o intangível interesse de todos.

QUARTEIRATUR

AGENCIA IMOBILIARIA E TURISTICA

ALUGUER, VENDA E ADMINISTRAÇÃO DE APARTAMENTOS — MORADIAS — TERRENOS

Av. Infante de Sagres, 23

Telef. 65488

QUARTEIRA — ALGARVE

PRONTO A VESTIR

Tentação 2

— MUNDO JOVEM —

A TENTAÇÃO DO BEM VESTIR

AGORA COM NOVA GERÊNCIA

E muito brevemente a abrir

1 1 SECÇÃO DE DESPORTO (COM UMA VASTA GAMA EM ROUPA DESPORTIVA E EQUIPAMENTOS)

2 SECÇÃO DE LÃS, COM A MAIS VARIADA QUALIDADE DAS MELHORES LÃS NACIONAIS

Visite-nos e verá nos nossos artigos uma verdadeira tentação e o preço?... uma agradável surpresa!

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º C-118, de fls. 51 a 53 v.º, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada ontem, na qual Aníbal Martins Madeira, casado, residente nesta vila, na qualidade de representante da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede nesta vila, que gira sob a firma de «Aníbal Madeira & Irmão, Lda.», da qual é sócio e gerente, declarou que esta sua representada é dona e legítima possuidora, com exclusão de outrém, do seguinte:

Talhão de terreno para construção urbana, com a área de cento e quarenta e oito metros quadrados, situado na Rua Gonçalo Velho, da povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, confrontando do norte com José Guerreiro Martins, do nascente com a dita Rua Gonçalo Velho, e do sul e poente com José do Nascimento, — omisso na Conservatória do Registo Predial deste concelho, conforme se infere de uma certidão lá passada ontem, — no valor de setecentos e cinquenta mil escudos;

Que este terreno resultou da demolição dum prédio urbano, no mesmo sítio — onde funcionou a antiga Central Eléctrica, tendo anexas sentinas públicas — inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número mil seiscientos e setenta e oito, conforme também se infere de uma certidão passada pela Repartição de Finanças deste concelho;

Que este terreno pertence à sua representada «Aníbal Madeira & Irmão, Limitada», pelo facto de o haver adquirido na permuta, efectuada com a Câmara Municipal de Loulé, por escritura de um de Setembro do ano corrente,

lavrada a folhas dezassete, verso, do livro número vinte e um, de notas para escrituras diversas, do Notário Privativo daquela Câmara;

Que através dessa permuta, a sua representada recebeu da referida Câmara o mencionado talhão de terreno para construção urbana e deu em troca — do prédio urbano inteiramente construído à sua custa no aludido terreno, e no outro confinante — a fracção E, constituída pelo rés-do-chão topo direito, devidamente individualizada na escritura de constituição de propriedade horizontal, lavrada em doze do mesmo mês e ano, a folhas seis, do livro número quatrocentos e dezassete, de notas para escrituras diversas, do Cartório Notarial de São Brás de Alportel e, ainda a quantia de trezentos e cinquenta mil escudos, em dinheiro, a título de indemnização;

Que atendendo ao disposto no artigo treze do Código do Registo Predial, não são as referidas escrituras de um e doze de Setembro do ano corrente, títulos suficientes para registo, a verdade, porém, é que a Câmara Municipal deste concelho, era por sua vez dona e legítima possuidora com exclusão de outrém, do citado artigo urbano número mil seiscientos e setenta e oito — de que resultou, por demolição, o talhão de terreno supra descrito e então permutado — pelo facto de,

O haver adquirido, entre outros bens, por doação feita pela Junta de Turismo de Quarteira, através de escritura lavrada em vinte e um de Março de mil novecentos e setenta, a folhas vinte e sete, verso, do livro número quinze, de notas para escrituras diversas do Notário Privativo da mesma Câmara;

Que a referida Junta de Turismo de Quarteira, por sua vez adquirira o terreno onde foi construído o edifício da antiga Central Eléctrica e as sentinas públicas, inscrito posteriormente no citado Artigo número mil seiscientos e setenta e oito,

como sucessora da Comissão de Iniciativa e Turismo da Praia de Quarteira, que comprara a José do Nascimento Albriquoque e mulher, por preço que ignora, em data imprecisa mas que sabe ter sido por volta do ano de mil novecentos e trinta e seis, por mero contrato verbal, nunca reduzido a escritura pública, — sendo também certo,

Que a desde a referida data, — inicialmente a Comissão de Iniciativa e Turismo da Praia de Quarteira, e posteriormente a sua sucessora, Junta de Turismo de Quarteira — sempre possuíram o local onde foi construída a antiga Central Eléctrica e sentinas públicas, inscrito na respectiva matriz predial sob o citado artigo número mil seiscientos e setenta e oito, em nome próprio e sem a menor oposição de quem quer que fosse, desde o seu início, posse sempre exercida, sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, sendo assim a sua posse pacífica, contínua e pública, pelo que na data da citada escritura de vinte e um de Março de mil novecentos e setenta, já a referida Junta de Turismo de Quarteira, o havia adquirido por usucapião;

A Voz de Loulé, n.º 804, 13-11-80

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

Pela 2.ª Secção deste Tribunal correm éditos de 20 dias, a contar da 2.ª publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos que tenham garantia real sobre os prédios abaixo indicados para, no prazo de 10 dias, posterior ao dos éditos, reclamarem o pagamento dos seus créditos por apenso aos autos de acção especial de divisão de coisa comum n.º 23-A/68, que José Mendes Cavaco e mulher Alice Guerreiro de Mendonça, Clareanes, S. Clemente, movem contra Maria da Conceição Farias, viúva, Cremilde Maria Correia Farias, casada, residentes em França, e Maria de Sousa Mendonça e Marido Joaquim Correia Mendonça, que residiram na Renda, S. Sebastião, autos nos quais vão ser vendidos os bens:

1.º — Prédio rústico de regadio com árvores, no sítio da Cavaca, Querença, inscrito na matriz sob o art.º 4.508;

2.º — Prédio rústico de terra de semear com árvores, no sítio da Ladeira, Querença, inscrito na matriz sob o art.º 4.905.

Loulé, 15 de Outubro de 1980.

O Juiz de Direito,
Mário Meira Torres Veiga
O Escrivão de Direito,
João-Maria Martins da Silva

Que em face do exposto, não tem ele Aníbal Martins Madeira, como representante da empresa «Aníbal Madeira & Irmão, Limitada», possibilidade de comprovar o direito de propriedade perfeita da Junta de Turismo de Quarteira, sobre o prédio inscrito sob o artigo urbano número mil seiscientos e setenta e oito, já referido, pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 5 de Novembro de 1980.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

A Voz de Loulé, n.º 804, 13-11-80

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ

ANÚNCIO

(2.ª publicação)

Pelo Juízo de Direito da comarca de Loulé e 1.ª secção, nos autos de acção especial de despejo imediato com o n.º 45/80, em que é Autor Manuel dos Santos Soupa, casado, morador no sítio do Poço Novo, freguesia de Almancil, concelho de Loulé e Ré MARIE LUISE REVVOLD, estrangeira, presumindo-se que de nacionalidade alemã, ausente em parte incerta do Brasil e com a última residência conhecida no 1.º andar de um prédio sito no Poço Novo, aludida freguesia de Almancil, é esta Ré citada para contestar querendo, devendo apresentar a sua defesa no prazo de 5 dias que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contada da data da 2.ª e última publicação do presente anúncio, consistindo o pedido formulado pelo Autor, em síntese, em ser julgada procedente e provada a acção e a Ré ou quem ocupar o 1.º andar direito atrás referido, ser condenado a despejá-lo, entregando-o livre e devoluto, ao Autor, declarando-se resolvido o contrato e isto porque a Ré não ocupa aquele andar pois foi para o Brasil, há alguns anos, onde vive e tem instalado todo o seu trém de vida, podendo esta na contestação deduzir, em reconversão, o pedido de benfeitorias e indemnização a que se julgue com direito, como tudo melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra na secção à disposição da citanda.

Loulé, 27 de Outubro de 1980.

O Juiz de Direito,
a) **Mário Meira Torres Veiga**
O Escrivão de Direito,
a) **João do Carmo Semedo**

MOAGEM

Arrenda-se uma moagem de farinha de ramas, situada nos arredores de Faro. Motivo à vista. Nesta redacção se informa.

A Voz de Loulé, n.º 804, 13-11-80

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ

Cart. Prec. 84/80
Sec. Aux.

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

FAZ-SE saber que no dia 8 de JANEIRO de 1981, pelas 10 horas, neste Tribunal Judicial de LOULÉ, na carta precatória vinda do 13.º Juízo Cível da comarca de Lisboa, extraída da execução por custas n.º 5.711/A — 2.ª Sec. que o Digno Magistrado do Ministério Público move contra os executados Manuel Correia dos Santos e mulher Antónia Leal dos Santos, ele industrial e ela doméstica, residentes no lugar dos Funchais — Querença, desta comarca, será posto em praça, pela 1.ª vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor adiante indicado, o seguinte prédio penhorado aos executados:

— Courela de terra de semear com árvores, no sítio da Fonte Frim, freguesia de S. Sebastião, concelho de Loulé, que confronta do norte com Maria José Laginha e outros, nascente Semião de Sousa e outros, sul Manuel Martins e outros e do poente caminho, inscrita na matriz predial rústica respectiva sob o artigo 5.902, que vai à praça pelo valor de 22 960\$, descrito na Conservatória do Registo Predial de Loulé, sob o n.º 34 572, a fls. 64 v.º do Livro 88.

Loulé, 21 de Outubro de 1980.

O Juiz de Direito,
a) **Mário Meira Torres Veiga**

O Escrivão de Direito,
a) **Américo Guerreiro Correia**

AOS CONJUNTOS

Amplificador vendo.
ADS 120 wats, óptimo para baixo. 23 contos.

Tratar: Luís de Sousa —
Telef. 62766 — LOULÉ.
(2-1)

VENDE-SE

CAMIONETA

Vende-se uma camioneta «Styr», de 10 500 Kg., com báscula, (1973).

Informa: J. Domingos de Sousa, Lda. — Telef. 94103 — ALMANSIL.

LUÍS PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia,
N.º 21 — Telef. 62406

LOULÉ

TERRENOS ALGARVE

QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/ CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS E LOCALIZAÇÕES.

COMPRA E VENDA: JOSÉ VIEGAS BOTA — R. SERPA PINTO, 1 a 13 — TELEF. 62634 — LOULÉ.

Onde bóiam lentos os sonhos de um homem

Crónica de LUÍS PEREIRA



Faço ou medito o mar da minha esperança. Tiro da algibeira rota de gente a sorte de um céu perdido. A Vida é breve e só, na solidão, apodrece.

Sinto o enleio das multidões e os quadros da grande indiferença. Por isso uso o coração, escrevo e sonho.

Na mesa, a bebida seca, o livro da minha metade, e o calor da noite. Hoje não estar só é escrever a pedra que atiro ao acaso. Não para matar alguém. Mas para dizer onde estou...

As vezes, no meu próprio diálogo interior, talvez deixe fugir o destino. Mas faço eu a minha letra porque não sei usar o postico. Escuto-me, acho-me escritor, poeta, artista, identifico-me com as coisas, ando perto de tudo, mas a sociedade chama-me malandro. Porque a con-

cordância entre os que não sentem é o dinheiro.

Resido no meu ser, casa da minha certeza, coração do meu sinal. O meu poema pode ser nada. A minha mão pode não ter gesto. Os meus olhos podem não luzir. Possa andar nas trevas à procura de mim. Sou, contudo, o meu esforço, a minha esperança, a minha ansia ou a minha desgraça. Sou contraditório, por isso sou humano e um homem não tem distância.

Faço ou medito a primavera do meu mundo. As canseiras e o inverno das horas fugitivas, passam na vida quando um homem aprende que viver é lutar. Tão cedo o sofrimento é um hábito e o mais é nada, algo vazio que nem se sente.

Por isso hoje sou o escritor da própria fatalidade...

PARA OS QUE TÊM OUVIDOS E NÃO OUVEM E PARA OS QUE TÊM OLHOS E NÃO VÊM

Voltamos de novo, com este artigo, o XV, que é, este sim, o último, a focar a figura do louletano ilustre, a muitos títulos, que foi o Dr. Marçal Pacheco.

Há entre este artigo final e o último publicado com a indicação de continuação, um largo interregno sucedido por falta que nos não pode ser assacada e cuja falta remetemos para quem a cometeu, a Gráfica onde o Jornal é impresso.

É pena! É fora de dúvida ter a demora quebrado de certo modo a sucessão dos artigos e o interesse que tenham suscitado, mas enfim vamos a esse final dado que o louletano cujo valor demos a conhecer bem mereceu dos homens do seu tempo e apesar de há muito desaparecido, merece bem dos homens de hoje, sobretudo no momento político agudo e grave que atravessamos, em que os governos se têm sucedido e os políticos, como sempre, puxam para o lado do interesse dos seus partidos, que dizem ser o interesse do País, mas o não é. Ora a época de Marçal Pacheco foi precisamente marcada por tremendas dissensões entre os políticos e a existência de maus governantes, tal como o demonstra o libelo acusatório de Marçal Pacheco no seu testamento político «FALA O VELHO PORTUGAL. A RESPOSTA DO PAÍS».

O Dr. Marçal Pacheco é pois ainda merecedor da compreensão dos homens desta época, ainda que os 84 anos que dele nos separam contribuem para o esquecimento a que lamentavelmente foi votado. Mas apesar de tudo valeu a pena lembrá-lo, repondo-o na sua verdadeira dimensão, mostrando a sua envigadura moral, o seu valor político e a beleza de um espírito nobre e desempoeirado que foi um grande Algarvio e um também grande Louletano.

Depois de ter sido, segundo os seus coevos, um estudante cintilante, um valor no foro, um orador brilhante, um Algarvio que honrou a sua província, um louletano que defendeu a sua terra, um chefe de família exemplar, um amigo do seu amigo; demonstrou ser um português de boa tempera que causou sensação nas Cortes de então, pela espontaneidade e fulgor com que verberava os maus governos e os maus políticos, pelos vistos cancos de sempre.

Pois bem: para terminar fazemos hoje algumas transcrições respeitadas a determinados passos da Monografia do Concelho de Loulé do Dr. Ataíde de Oliveira.

El-las:
«Mas se a vaidade e a inveja, nascidas e alimentadas, no seio

Dois objectivos coincidentes:

— Do arruinado Castelo de Loulé, o célebre «Jardim dos Amuados»

— Do Castelo de Silves, o restauro das Muralhas da Almedina

Não era meu intento voltar a falar do indefeso «Jardim dos Amuados». Ele, que tão ardorosamente, decerto, foi pelos árabes valorizado com as fortes e poderosas muralhas que o suportam, presentemente está a ser encarcerado no mais rigoroso cárcere que o crescente Muro de Berlim, impreterivelmente, o envolverá.

Não era, repito, meu intento, mais esta vez, focar tão grave crime, qual morte lenta a matar o recreio espiritual tão acrisolado à juventude amorosa que crismou esse recanto de beleza

impar de «Jardim dos Amuados», por nele se refugiar aquando dos seus devaneios amorosos; e hoje ele ainda ser o melhor e mais luxuoso panorama a dentro da Vila apreciada por todos que o visitam!

O crime em causa já fez o jovem jornalista Luís Pereira desembainhar a sua espada e entrar na trincheira de combate a lutar contra tão vil atentado. Bem haja jovem companheiro desta luta a bem do património espiritual do nosso querido Loulé!

Se não era desejo meu voltar a este sentimental pormenor bairrista, uma intimação há pouco me foi feita; e, com o excelente artigo do Dr. José D. Garcia Domingues, em o «Correio do Sul», número 3071 de 23/10/1980, a minha primitiva intenção modificou-se. E assim novamente levanto a minha lança — embora muito velha — em defesa, como me compete, do nosso risonho Jardinzinho.

Em primeira instância a intimação que me foi feita. Idóneo louletano e bom amigo, com a impetuosidade revoltante do seu forte físico, me informa que, no aprazível Vale, a horta del-rei está condenada a ser detentora de altas Torres, e nem só, o que irá tirar ao «Jardim dos Amuados» a graça, o divino esplendor da sua luz panorâmica. E, com o «Muro de Berlim» já em adiantado estado de completo acabamento, o crime está à vista. Há que combatê-lo tanto que nos for possível.

— «O Pedro de Freitas, com a sua idade e o amor indelével à sua terra, é a pessoa indicada para continuar a falar desse grave crime que se está a cometer no nossos «Jardim dos Amuados» — que é de todos e não só de alguns».

Que espinhosa intimação!

Fiel cumpridor de actos de justiça, desta tribuna proclamo: — Que a autarquia louletana e o Instituto Português do Património Cultural, etc., ponham cobro à «picareta» e ao «martelo» que estão a destruir o que a Natureza deu a este nosso «Jardim dos Amuados»: a luz bendita aos olhos humanos para verem panorama tão vasto e atractivo.

Do «Correio do Sul», outra voz, como eu, tão bem se bate em defesa do seu histórico património. Algumas passagens do seu extenso artigo:

«Em 1958, uma «veneranda» câmara da época salazarista autorizou um novo corte na muralha, junto à Torre do Arco ou das Portas da Cidade, para a construção de uma residência

particular. Não consultou a sua consciência dos problemas nem a Junta Nacional de Educação, que nessa altura, tinha a seu cargo a defesa do Património Nacional, nem ouviu, segundo parece, o arquitecto urbanista. Muitas câmaras seguiram o mesmo caminho de inconsciência, ignorância e estupidez, das câmaras liberais do século passado e suas sucessoras. O que era preciso era aparentar progresso, e fomentar a construção de casario tipo caixote».

«Há que levantar uma verdadeira campanha nacional contra o aviltamento em que o País está a cair por muitas e variadas causas. Há que lutar pelo enaltecimento dos valores nacionais, permanente testemunho de uma vitalidade que se projecta no espaço e no tempo com sentido e finalidades espirituais».

O Dr. Garcia Domingues luta com ardor pelo seu Castelo; eu luto com ardor pelo meu Castelo! Loulé e Silves aqui juntam as suas vozes a anteporem-se à onda avassaladora dos «caixotes» uniformes a alterarem a história e a fisionomia das localidades. É que, os «caixotes», iguais em todas as localidades, já não despertam interesse em os observar.

Eles matam a história, a arqueologia, a diversidade de coloridos, o regionalismo, o estilo. Matam o que de melhor vilas e cidades possuem de antanho a dar-lhes valor! E porque assim é, nota-se que, nas periferias das vilas e cidades que respeitam a antiguidade, só admitem que os «arranha-céus» sejam erigidos fora das ditas periferias. Se Loulé tivesse tido esse respeito não teria permitido que o nosso atraente «Jardim dos Amuados» fosse mutilado no que de melhor possuía. Que pena para a minha sensibilidade de puro louletano que deseja que a sua nobre e honrada Vila seja sempre uma grande Vila, e não o abrigo dos grandes «caixotes» que deformam as tradicionais características que ela possuía, e era o seu natural orgulho.

Não há dúvida que o Dr. Garcia Domingues toca na gesta louletana ao expor os seus sentimentos como amante da sua histórica Silves.

Ao de leve fala-nos dos «caixotes» sem estilo, sem arquitectura, sem regionalismo. Como me tocou na corda sensível do meu bairrismo, os meus agradecimentos por, sem saber, me dispôr a escrever o que aqui fica exposto.

PEDRO DE FREITAS

Vilamoura em recuperação

Aldeia do Golf e Golférias

Adquiridas pela EMACO a uma empresa inglesa, nos últimos dias do passado ano, as quotas da Sociedade proprietária da ALDEIA DO GOLF e GOLFÉRIAS, mostram já estes aldeamentos os efeitos da dinâmica imposta pela nova administração.

Ao longo do primeiro semestre do corrente ano pôde assistir-se ao intenso trabalho desenvolvido no sentido de recuperar para o turismo duas das mais belas aldeias turísticas do Algarve, as quais por força de um longo período de semi-abandono se encontravam em estado de grande degradação.

Integradas no complexo turístico de VILAMOURA e dispon-

do portanto do apoio de todas as suas infra-estruturas, a ALDEIA DO GOLF e GOLFÉRIAS estão registando uma extraordinária procura de investidores nacionais e estrangeiros.

Consequindo já no corrente ano largos períodos de ocupação total é fácil prever o maior sucesso quer na exploração turística, quer no desenvolvimento do programa das construções em curso.

O elevado nível destes aldeamentos e a sua importância para o turismo justificam bem a acção em boa hora empreendida pela EMACO e merecem a maior atenção e apoio dos organismos oficiais.

E ao terminar diremos: Marçal Pacheco foi um vulto de incontestável valor para o País e para a sua terra, que sem dúvida ingrata, ainda o não perpetuou no mármore ou no bronze, e quanto a nós, bem o merecia.

Duarte Pacheco, seu sobrinho, outro grande vulto da Pátria, tem merecido monumento pago por todas as Câmaras do País. Contrariamente ao tio pouco fez por Loulé e o Caminho de Ferro cuja resolução esteve na sua mão não a deferiu.

Já lá vão 84 anos após o seu passamento! Nunca é tarde para se fazer justiça! Aos responsáveis Louletanos permito-me rejeitar o mérito de uma decisão a ser tomada.

Florent Faeta Virum.

M. J. VAZ

Uma gotinha de água cai no Ribeirinho

Aqui, no Ameixial, tudo corre para ficar mais linda e limpa esta nossa aldeia.

Correm os homens, as máquinas correm, e a gotinha de água corre também, mas muito mais devagar, porque pensando bem, também tem alma esta gotinha, e vem de cima, e enquanto passa pelas modestas casinhas, onde tanto gostaria de entrar, vai pensando, porque não me deixam parar aqui um pouco? Aqui, há meninos para brincar, também há gente grande que tanto precisa de mim, mas continuando a andar diz aos meninos: até qualquer dia, e aos

idosos diz também: talvez, até um dia...

E triste esta gotinha de água cai no Ribeirinho onde contente vai dar de beber aos seus moradores.

Pedrita

PRECISA-SE

Apartamento de 2 ou 3 assoalhadas, em Loulé ou Faro, para escritório.

Tratar pelo telef. 63288 — LOULÉ. (3-1)